



Sandra Teixeira Marques

**Quando a prótese não é uma muleta - um estudo
psicanalítico sobre a experiência de amputação e
reconstrução do corpo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Psicologia do Departamento de
Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Ana Maria Rudge



Sandra Teixeira Marques

**Quando a prótese não é uma muleta - um estudo
psicanalítico sobre a experiência de amputação e
reconstrução do corpo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Ana Maria Rudge
Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Betty Bernardo Fuks

Coordenação de Curso de Extensão - PUC-Rio

Prof^o. Daniel Kupermann

Departamento de Psicologia – UFF-RJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, / /

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Sandra Teixeira Marques

Psicóloga da Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro, em exercício numa equipe de Saúde Mental em Hospital Geral. Supervisora do setor de Psicologia Geral da Associação Fluminense de Reabilitação. Pós-graduada em Teoria Psicanalítica pelo Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação. Formada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense

Ficha Catalográfica

Marques, Sandra Teixeira

Quando a prótese não é uma muleta: um estudo psicanalítico sobre a experiência de amputação e reconstrução do corpo / Sandra Teixeira Marques ; orientadora: Ana Maria Rudge. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2006.

102 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Corpo. 3. Psicanálise. 4. Pulsão. 5. Narcisismo. 6. Luto. 7. Prótese. 8. Hibridismo. I. Rudge, Ana Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

A escritura desta dissertação se fez na maior parte do tempo muito solitária. Seja pelo pouco tempo para produzi-la em meio a tantas outras prerrogativas, seja porque o investimento necessário de pesquisa foi imenso, privei-me muitas vezes da companhia daqueles a quem amo em função do trabalho por construir. Contudo, diante de tanta solidão e angústia, encontrei algumas pessoas especiais que fizeram com que não me perdesse e a quem revelo meus sinceros agradecimentos.

Paradoxalmente à experiência solipsista da escrita, o resultado deste trabalho se deve a inúmeros incentivos, principalmente quando a tarefa parecia muito maior do que a capacidade de executá-la.

Na Associação Fluminense de Reabilitação (AFR), palco das primeiras inquietações e encontros com esta clínica tão peculiar, tive apoio da diretora-presidente **Lisaura Ruas** e da vice-presidente **Leila Alonso** – com quem contei para formatar os primeiros esboços que deram origem ao projeto de pesquisa. Tive o auxílio do administrador **Telmo Holtz**, que se revelou um amigo a quem recorri com várias solicitações e que me ofereceu todo o respaldo institucional que lhe era possível, e que era necessário para que me dedicasse à pesquisa.

Tive o respeito do coordenador **Antônio Carlos Magalhães da Silva** e muito encorajamento de meus colegas diários de trabalho na reabilitação, especialmente de minha amiga **Sildésia Cardoso**, que sempre disponibilizou seu colo nos meus momentos de cansaço extremo. Mas, sobretudo, contei com a parceira de trabalho e de inquietações, **Claudia Escórcio G. do A. Pitanga**, com quem iniciei meu percurso na clínica e a quem tenho tanto a agradecer por me ensinar todos os dias a não recuar diante dos impasses não só da clínica, como também do trabalho em instituição. Cúmplice, amiga, obrigada pelo seu carinho e por garantir que tudo ficaria bem na minha ausência.

Fora da AFR não foram menores os encontros que tornaram fértil meu percurso. Na Formação Freudiana, as ricas discussões nas aulas da admirável **Beth Müller**, a partir das quais reconheci a necessidade de me debruçar sobre as

questões que se apresentavam. Tive de meus colegas de grupo de estudo muita torcida para que concretizasse meu projeto e muito carinho apesar da distância que se impôs pela carga horária do programa de pós-graduação.

Na própria Pontifícia Universidade Católica encontrei pessoas brilhantes e amigas, especialmente, no grupo de pesquisa. Minha orientadora, **Ana Maria Rudge**, que acolheu o tema a ser desenvolvido e contribuiu a fim de que eu terminasse o trabalho a tempo. O estimado **Octávio de Souza**, com suas aulas instigantes, a quem agradeço pela troca viva e desafiadora no campo da psicanálise. A querida **Monah Winograd**, por sua receptividade e disponibilidade dividindo sua disciplina de graduação, para que eu experimentasse os desafios de sala de aula com toda confiança em meu trabalho.

A meus colegas do Hospital onde ingressei recentemente e que foram, desde o início, encorajadores e atentos às minhas produções, que já incluíram as experiências deste novo cenário de desafios.

O zelo indispensável dos meus pais **Alberto da Silva Marques** e **Lourdes Teixeira Marques**, ainda que não dimensionassem meu esforço e a importância desta pesquisa em minha vida, apoiaram-me e dividiram comigo a felicidade da tarefa cumprida. Meus sobrinhos, a quem tanto amo – **Lucas, Maria Luiza e Maria Julia** – trouxeram um pouco de alegria, vivacidade e brincadeira para amenizar as intermináveis horas passadas junto ao computador. No futuro, entenderão o quanto foram importantes para que eu insistisse neste trabalho, mesmo que tenha nos custado sacrifícios e distâncias que no momento não são capazes de compreender em função da pouca idade. Assim como **Luiza** querida, que apesar de pequena já parecia entender a ausência de sua dinda que precisava estudar.

A **Daniel Kupermann**, meu amigo, que me apresentou esta dimensão do mundo acadêmico e me incentivou a valorizar esta experiência singular com os amputados como forma de construir um campo de reflexão rigoroso e uma psicanálise provocante. Ao querido **Luiz Felipe Nogueira de Faria** que se disponibilizou todo o tempo de forma incansável e gentil para acompanhar cada nova letra e afeto dispensados na composição desta pesquisa.

A todos meu amor, meus agradecimentos, meu respeito.

Resumo

Marques, Sandra Teixeira; Rudge, Ana Maria (Orientadora). **Quando a prótese não é uma muleta – um estudo psicanalítico sobre a experiência de amputação e reconstrução do corpo**. Rio de Janeiro, 2006. 102p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A origem desta dissertação se fundamentou na clínica com amputados numa Instituição de Reabilitação, onde a experiência corporal possui um lugar de destaque. A psicanálise estabelece um outro estatuto para o corpo, distinguindo-se do saber médico, que ultrapassa a dimensão orgânica/biológica, especialmente, quando forja o conceito de pulsão. Por seu desamparo inicial, o bebê humano depende de uma alteridade capaz de auxiliá-lo na construção de uma fronteira corporal através do seu investimento libidinal na criança. Esse outro, além de marcar eroticamente seu corpo de forma a delinear os circuitos pulsionais, fornece-lhe uma experiência de existência contínua e uma imagem identificatória que servem para o desenvolvimento do Eu e para a apresentação de um campo objetual possível. Determina ainda uma matriz simbólica que marca este corpo como desejante e falante. Diante dos destinos pulsionais possíveis, a experiência da perda invoca a capacidade de recriação através do trabalho de luto. O luto é a operação de recolhimento dos investimentos libidinais dos objetos perdidos, a fim de que possam ser novamente investidos. Esta pesquisa aborda uma perda peculiar: a de parte do corpo. A experiência da amputação impõe um remanejamento narcísico que resulta numa outra forma de experimentar o corpo na sua condição erógena e, por conseguinte, o mundo. Contudo, a experiência corporal também apresenta uma dimensão coletiva. É preciso reconhecer que a modernidade trouxe, com a Revolução Industrial, algo inovador na experimentação do corpo. Os avanços tecnológicos fizeram do corpo uma forma híbrida. O corpo como híbrido é, a um só tempo: natureza, técnicas, ciência, economias pulsionais, inconscientes e discursos. É assim que o uso da prótese pode ser pensado.

Palavras-chave

Corpo, Psicanálise, Pulsão, Narcisismo, Luto, Prótese, Hibridismo.

Abstract

Marques, Sandra Teixeira; Rudge, Ana Maria (Advisor). **A Psychoanalytical study on the experience of amputation and body reconstruction.** Rio de Janeiro, 2006. 102p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This Essay is originated from a clinical experience with amputated people in a rehabilitation institution, where the corporeal experience has a great importance. Psychoanalysis establishes a place for the body which must be distinguished from the place it has in medical science, bypassing the organic/biological dimension, especially because of the drive (Trieb) concept. Because of its helplessness, the human baby depends on some adult libidinal investment to construct a body-frontier. The adult, besides erotically marking its body, drawing the drive circuits, is necessary to allow a continuous experience of existence, and an image for identification, which serves the Ego and the object field development. This adult also helps in the construction of a symbolic matrix that shall make this body a desiring and speaking one. Among many drive-destinies, the experience of a loss requires the capacity of recreation through the work of mourning, which consists in taking back the libidinal investments from the lost objects to be able to invest them later in other objects. This research is about a peculiar loss: a body part. The experience of amputation requires a narcissistic reorganization which permits a new way of experimenting the body in its erogenous condition and, as a consequence, also the world. Nevertheless, bodily experience has, as well, a collective dimension. We must recognize that modernity brought, with the Industrial Revolution, something new to body experience. The technological advances made a body that is a hybrid form. The hybrid body is, at the same time: nature, techniques, science, drive economies, unconscious and discourse. This is how the prosthesis should be considered.

Keywords

Body, Psycho-analysis, Drive, Narcissism, Mourning, Prosthesis, Hybridism.

Sumário

| | |
|--|-----|
| Introdução | 9 |
| 1. Corpo, Eu e Narcisismo | 15 |
| 1.1. O Lugar do Corpo e a Gênese do Eu na Teoria Freudiana | 15 |
| 1.1.1. A Teoria do Aparelho Psíquico de 1895 | 16 |
| 1.1.2. O Eu e a Realidade | 17 |
| 1.1.3. Um Aparelho Psíquico Sensível | 24 |
| 1.2. Considerações Freudianas acerca do Narcisismo | 26 |
| 1.3. O Eu e os Ideais, a partir da Dimensão Especular | 33 |
| 1.4. Mãe-Bebê: um Corpo para o Mundo | 37 |
| 1.5. O Corpo nas suas Múltiplas Facetas | 41 |
| 1.6. O Corpo Amputado | 45 |
| 2. Traumatismo e Reconstrução Narcísica | 49 |
| 2.1. Trauma e Neurose Traumática | 49 |
| 2.1.1. Sigmund Freud e as Neuroses de Guerra | 51 |
| 2.1.2. Karl Abraham e a Regressão Narcísica | 53 |
| 2.1.3. Sándor Ferenczi e o Processo de Cura | 56 |
| 2.1.4. Ernest Simmel: o Supereu nas Neuroses de Guerra | 60 |
| 2.1.5. Além do Princípio do Prazer | 64 |
| 2.2. Perda, Fixação e Luto | 67 |
| 2.3. Quando a Prótese não é uma Muleta | 70 |
| 2.3.1. Fragmentos Clínicos | 71 |
| 2.3.1.1. Maria | 71 |
| 2.3.1.2. José | 73 |
| 2.3.2. Considerações acerca da Prótese | 75 |
| 3. Corpo Híbrido | 78 |
| 3.1. O Homem e a Máquina | 78 |
| 3.2. Psicanálise em Rede | 82 |
| 3.3. A Perda e suas Consequências | 86 |
| Conclusão | 88 |
| Considerações Finais | 94 |
| Referências bibliográficas | 97 |
| Anexo 1 | 101 |
| Anexo 2 | 102 |